

Identidade e Continuidade: Avaliação de Propostas Kripkeanas sobre Identidade Pessoal

José Carlos Camillo

UFG

INTRODUÇÃO

Saul Kripke em seus textos *Identity and necessity* (1971) e *Naming and necessity* (1980) apresenta uma proposta de explicação da identidade transmundial e apresenta uma proposta de explicação acerca de afirmações de identidade e referência. Neste artigo, farei uma análise de algumas respostas ao problema da identidade pessoal que se baseiam nessa proposta kripkeana. Por isso, apesar de o próprio Kripke não ter lidado diretamente com este problema, ao longo do artigo chamarei essas respostas de kripkeanas. Meu objetivo é mostrar que tais respostas não conseguem responder ao problema da identidade pessoal. Especificamente, dentro desse problema, tais respostas não dão conta da questão da ambiguidade de identidade sugerida por dois experimentos de pensamento.

Para alcançar meu objetivo, primeiro vou apresentar o problema da identidade pessoal e discutirei três respostas a esse problema que foram influenciadas por Kripke. A primeira, a saber, a especulação, não consegue resolver o problema da identidade pessoal. As outras duas são vertentes diferentes do essencialismo proposto por Kripke e a princípio respondem bem a esse problema. Depois, exibirei o problema da ambiguidade de identidade, presente em alguns experimentos de pensamento que se relacionam ao problema da identidade pessoal. Argumentarei, então, que as duas versões do essencialismo que derivam da proposta kripkeana de identidade não conseguem responder a esse problema. Por isso, a questão da identidade pessoal, ao menos nesses casos de ambiguidade, segue não resolvida. Por fim, discutirei três possíveis contra-argumentos ao problema da ambiguidade de identidade. Defendo que os dois primeiros podem ser descartados e que o último pode ser aceito sem interferir em minha conclusão de que as propostas kripkeanas discutidas neste artigo não conseguem responder ao problema da identidade pessoal quando este apresenta casos de ambiguidade.

1 KRIPKE E O PROBLEMA DA IDENTIDADE PESSOAL

O problema da identidade pessoal é o questionamento a respeito da permanência de uma pessoa ao longo do tempo. Ou seja, uma pessoa X no tempo t_1 permanece X em um tempo t_2 ? As células do corpo humano são alteradas constantemente, de modo que as células de X com 10 anos de idade não são as mesmas células de X trinta anos depois. Como X é composto de células e suas células se alteraram, faz sentido perguntar se ele é o mesmo. Além disso, características psicológicas como o caráter, tendências de ação e memórias são alteradas com o passar do tempo também. Tentar estabelecer um critério para a permanência do ¹.

Várias respostas foram dadas a esse problema, mas a maioria se encaixa em dois grupos principais: as que tomam como critério características psicológicas e as que tomam como critério o corpo. Por exemplo, uma leitura mais tradicional do texto de John Locke (1975) sobre o tema considera a memória como critério de identidade pessoal². Por outro lado, Williams (1973) tenta demonstrar através de experimentos de pensamento, que veremos adiante, que o corpo tem primazia como critério para identidade pessoal. Alguém poderia assumir uma posição scotusiana e defender que os objetos individuais têm uma “[...] unidade que lhe é proporcional [...]” (SCOTUS, 1996, p. 248), conhecida como *ecceidade*, o que seria uma terceira via de resposta.

Saul Kripke não propõe diretamente nenhum critério para o problema da identidade pessoal. Porém, ele mesmo admite que sua proposta acerca de linguagem e identidade poderia apresentar uma solução a esse problema. Em suas palavras (KRIPKE, 1980, p. 51):

Eu penso que observações semelhantes se aplicam ao problema da identidade ao longo do tempo; aqui também nós estamos normalmente preocupados com determinação, a identidade de um particular “complexo” em termos de outros mais básicos. (Por exemplo, se várias partes de uma mesa são trocadas, ela é o mesmo objeto?).³

Essa citação faz referência indireta a um grande exemplo utilizado nas discussões de identidade pessoal: o navio de Teseu⁴. Além do mais, “[...] o problema da identidade ao

- 1 Esse problema pode se dividir em três grandes áreas: metafísica, epistemológica e ética. Na área metafísica, o problema da identidade pessoal basicamente se importa com o critério que torna uma pessoa a mesma ao longo do tempo. Na área epistemológica, esse problema se traduz na forma como alguém pode descobrir se uma pessoa é a mesma com o passar do tempo. A diferença entre o problema metafísico e o problema epistemológico da identidade pessoal é que o primeiro se importa com o que no mundo (ou na pessoa) faz com que X seja a mesma pessoa e o segundo questiona o que pode ser utilizado como fonte de conhecimento para que Y saiba que X é a mesma pessoa ao longo do tempo. Claro que os critérios podem ser os mesmos para os dois casos em determinadas teorias, mas não pelos mesmos motivos e não em todas as teorias. Já o problema ético da identidade pessoal pode se resumir na atribuição de responsabilidade moral a uma pessoa num tempo t_2 por algo que ela fez no tempo t_1 (SALMON, 2014). Neste artigo, discutirei o problema metafísico da identidade pessoal, deixando de lado o problema epistemológico e ético da questão.
- 2 É importante lembrar que leituras mais recentes desse texto de Locke entendem que ele não está lidando com o critério metafísico conforme descrito acima, mas com o critério ético (ROBINSON, 2004; STRAWSON, 2011). Para exemplo de uma leitura mais tradicional do texto de Locke, ver Reid (2002).
- 3 Original em inglês: “I think similar remarks apply to the problem of identity over time; here too we are usually concerned with determinacy, the identity of a ‘complex’ particular in terms of more basic ones. (For example, if various parts of a table are replaced, is it the same object?)”.
- 4 É possível que a maioria dos leitores já conheça a fábula do navio de Teseu, por isso a reconto em nota de rodapé ao invés de apresentá-la no texto principal. Segundo essa fábula, Teseu construiu um navio de madeira e passou anos viajando no mar. Quando alguma peça necessitava de reparo, ele trocava por uma peça nova, de modo que, com o passar dos anos todas as peças foram trocadas.

longo do tempo [...]” é justamente o problema da identidade pessoal. Mas “observações semelhantes” a que ele considera que se relacionam à identidade pessoal? No caso, ele estava falando de como a identidade transmundial não é descoberta, mas estipulada. Ou seja, quando penso em como seria se Haddad tivesse ganhado as eleições de 2018, não tenho que olhar por um telescópio para mundos possíveis e encontrar algum em que um ser humano do sexo masculino que seja idêntico ao Haddad ganhe as eleições. Ao contrário, eu estipulo: Haddad ganhou as eleições de 2018. A partir disso eu faço minhas análises⁵. Essa estipulação se dá por meio dos nomes, que para ele são designadores rígidos. Em outras palavras, nomes, como designadores rígidos, apontam para o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis.

Com isso, Kripke está dizendo que, assim como no caso da identidade transmundial, na identidade transtemporal (ao longo do tempo) eu também poderia me utilizar de estipulação. À primeira vista isso parece um pouco estranho: afinal, a identidade de uma pessoa ao longo do tempo seria resultado de estipulação? E quando aparecerem estipulações diferentes? Isso seria problemático para o filósofo estadunidense porque, segundo ele, “[...] as afirmações de identidade são necessárias e não contingentes.”⁶ (KRIPKE, 1971, p. 225). E caso fosse fruto de estipulação, as afirmações de identidade pessoal seriam contingentes, afinal estipulações dependem simplesmente da vontade do estipulador.

No entanto, em muitos casos, é possível defender que a identidade pessoal seja definida assim. É o que Salmon (2014) faz, por exemplo. Embora ele use exemplos diferentes, eu vou utilizar de modo resumido os famosos experimentos de pensamento de Williams (1973). Para tentar demonstrar que o corpo tem a primazia como critério de identidade pessoal, ele propõe dois experimentos de pensamento semelhantes. No primeiro, existem os sujeitos A e B e é dito que eles passarão por um procedimento de troca de corpos. Antes, porém, de isso acontecer, ambos os sujeitos deveriam fazer uma escolha: após a troca de corpos, um dos corpos receberia uma tortura e o outro receberia uma fortuna. No segundo experimento de pensamento, é dito para um sujeito que ele será torturado. Mas é dito que ele não se preocupe porque antes da tortura suas memórias serão apagadas e todo um procedimento seria feito de modo que se poderia dizer que o sujeito trocou de corpo.

Nos dois casos, é fácil perceber que a resposta da identidade já está sendo estipulada na própria formulação do experimento de pensamento. Sendo um experimento de pensamento uma suposta análise de mundos possíveis, já no começo dessa análise foi estipulada a relação de identidade. No primeiro experimento, já é estipulado que A e B trocam de corpos. Ou seja, se há uma troca de corpos, o estipulador do experimento de pensamento já está estipulando que, após o procedimento, a identidade de A será encontrada no corpo-B e a identidade de B será encontrada no corpo-A, mesmo que Williams tente impedir essa estipulação trocando as palavras para se referir a e B. Já no segundo experimento já é estipulado que o sujeito será torturado, mesmo que Williams construa critérios para tentar

A pergunta que surge dessa história é: o navio com as peças todas trocadas é o mesmo navio com o qual Teseu inicial sua viagem? A pergunta se intensifica com um outro detalhe adicionado: Teseu guardou todas as peças velhas num galpão onde ele parava para reabastecer seu navio; depois que todas as peças originais foram trocadas e guardadas, ele as utilizou para construir um novo navio. Nesse novo cenário, qual é o navio de Teseu? A referência às trocas das partes da mesa é uma clara referência essa história. Sua relação com a identidade pessoal se dá porque, assim como o navio (ou a mesa) teve suas partes trocas, o corpo humano e a mente humana também sofre alterações semelhantes. Isso faz com que as perguntas que se aplicam ao caso do navio de Teseu se apliquem à identidade pessoal também.

5 A teoria de Kripke aqui se opõe à teoria das contrapartes de Lewis (1968).

6 Original em inglês: “[...] the identity statements are necessary and not contingent.”

fazer com que o sujeito entenda que não é a mesma pessoa. Em outras palavras, em ambos os casos a estipulação já foi feita.

Nesses casos, parece de fato que a identidade é definida por estipulação de maneira semelhante à determinação de identidade que um designador rígido faz em casos de identidade transmundial. No entanto, há um grande problema com essa identificação por estipulação para a teoria de Kripke. Tal problema é admitido pelo próprio Salmon (2014) que defende a ideia de estipulação: existem casos em que a estipulação não é acerca da identidade após um evento modificador, mas antes desse evento modificador. Por exemplo, se caso na construção do experimento de pensamento de Williams apenas fosse afirmado que haveria uma troca de cérebros e não houvesse qualquer estipulação sobre o resultado dessa troca então esse seria um caso que a estipulação não resolveria.

Ao contrário de Salmon, não é difícil perceber que não são alguns casos em que isso acontece. Na verdade, é o oposto: quando há estipulação, não há problema de identidade pessoal. Ou seja, Williams utilizou experimentos de pensamento que levaram simplesmente a uma petição de princípio e isso não é uma resolução do problema. Ele construiu experimentos de pensamento que já pressupunham o que ele queria provar. O problema, então, permanece como está. E justamente quando não há essa petição de princípio (por meio da estipulação), então resiste o problema da identidade pessoal.

Afinal, o problema da identidade pessoal não é apenas formulado acerca de experimentos de pensamento: temos casos reais como pacientes de Alzheimer, transtornos dissociativos de identidade e a variação comportamental da demência froto-temporal (para citar alguns) em que as pessoas próximas desses pacientes costumam afirmar que não estão mais lidando com a *mesma pessoa* (STRIKWERDA-BROWN *et al*, 2019). É aqui (e em experimentos de pensamento cujos resultados não foram estipulados) que o problema da identidade pessoal se mostra relevante. Então não parece que a identificação por estipulação conforme Kripke propôs provoque qualquer impacto na resolução do problema da identidade pessoal. Além disso, conforme já apresentei, tal resolução não é coerente com o restante da teoria de Kripke já que este demanda uma identidade necessária e a estipulação, por sua vez, depende simplesmente da imaginação de cada estipulador, sendo, então, contingente.

Por outro lado, Kripke também defendeu que a identidade conforme ele a entende pressupõe propriedades essenciais, ou seja, assume o essencialismo. Será que tal característica da identidade é suficiente para resolver o problema da identidade pessoal? Inicialmente a apresentação do essencialismo em Kripke lembra um pouco a *ecceidade* de Duns Scotus já que ele não diz que propriedade(s) essencial(is) é(são) essa(s)⁷. Contudo, Kripke dá alguns exemplos que podem apontar para onde procurar propriedades essenciais. Por exemplo, sugere que a origem e substância de que é feito parecem ser propriedades essenciais de um ser⁸. Tendo isso em vista, apresentarei duas propostas essencialistas para o problema da

7 Uma afirmação que lembra a proposta scotusiana aparece numa nota de rodapé: “Então (grosso modo) *ser uma mesa* parece ser uma propriedade essencial da mesa” (KRIPKE, 1980, p. 115, destaque do autor). Original em inglês: “So (roughly) *being a table* seems to be an essential property of the table.”.

8 Alguns textos que indicam isso são: “Parece-me que qualquer coisa que venha de uma origem diferente não seria esse objeto.” (KRIPKE, 1980, p. 113). Original em inglês: “It seems to me that anything coming from a different origin would not be this object”. “Um princípio sugerido por esses exemplos é: *se um objeto material tem sua origem num certo pedaço de matéria, ele não poderia ter tido sua origem em nenhum outro pedaço de matéria,*” (KRIPKE, 1980, p. 114, destaque do autor). Original em inglês: “A principle suggested by these examples is: *if a material object has its origin from a certain hunk of matter, it could not have had its origin in any other matter.*”. E: “Em adição ao princípio de que a *origem* de um objeto é essencial a ele, outro princípio sugerido é o de que a *substância* do qual ele

identidade pessoal que se dizem influenciadas por Kripke.

Considere a origem como propriedade essencial. A princípio parece um critério sedutor. Afinal, considere X como um paciente da variação comportamental da demência frontotemporal (vcDFT). Essa demência causa uma mudança tão brusca no comportamento e um esquecimento tão profundo de memórias episódicas e semânticas que os parentes e amigos tendem a dizer que X não é mais o mesmo. Seja t_1 um tempo anterior aos sintomas da doença e t_2 um tempo posterior aos sintomas da doença, X continua sendo a mesma pessoa já que tanto em t_1 quanto em t_2 X tem a mesma origem.

Dentro dessa perspectiva, a tese do *continuador mais próximo* de Nozick (1981) se encaixa muito bem. Mesmo porque o próprio Nozick diz que essa ideia lhe surgiu de uma conversa com Kripke. Segundo essa tese, a identidade continua por meio de algo que dê continuidade à pessoa da forma mais próxima possível à pessoa. No caso da vcDFT, as informações mentais, os traços de caráter etc. foram descontinuados, mas o corpo continua o mesmo. Nesse caso, a identidade de X permanece por meio do corpo. Caso as informações mentais de X fossem transferidas para um outro corpo por ocasião da morte do corpo-X, então a identidade de X continuaria por meio das informações mentais de X.

Como a tese do *continuador mais próximo* assume uma relação causal que permite uma continuidade da identidade, a ideia pareceria interessante para o próprio Kripke. Afinal, quando fala sobre a substância como propriedade essencial, Kripke (1980) considera que a substância de um objeto por ser modificada, desde que haja uma relação causal entre a modificação da substância e a origem (pela substância original)⁹.

Por outro lado, a propriedade da origem não parece mais resolver o problema caso haja no futuro uma situação em haja transplante cerebral e os sujeitos A e B tiveram seus cérebros trocados. Isso se dá porque tanto o corpo-A como o cérebro-A têm a mesma origem e, agora, estão em situações diferentes. Nozick (1981) defende, então, que algum critério tenha que ser levado em consideração para dar pesos diferentes ao cérebro-A e ao corpo-A para que a questão seja resolvida. Ele não se importa que a tese do *continuador mais próximo* não resolva todas essas questões porque, para ele, essa tese é apenas um esquema geral que continua sendo usado, de modo mais aprofundado, não importando qual critério será usado para definir a continuação da identidade de X.

Salmon (2014), então, influenciado pelo essencialismo de Kripke, propõe que, no caso de uma pessoa, o cérebro seja considerado uma propriedade essencial. O motivo que ele dá não é muito convincente: a consciência está localizada no cérebro. Não é convincente porque 1) há muita discussão ainda em relação a uma localização exata da consciência; e 2) porque ele já está pressupondo, sem argumentar em favor disso, que a consciência em si é propriedade essencial de uma pessoa. Esse segundo ponto seria bastante questionado por filósofos como Williams. Além disso, tanto 1) quanto 2) teriam implicações éticas ainda questionáveis como a afirmação de que bebês anencefálicos não poderiam ser considerados pessoas¹⁰.

é feito é essencial" (KRIPKE, 1980, p. 114, destaques do autor). Original em inglês: "In addition to the principle that the *origin* of an object is essential to it, another principle suggested is that the *substance* of which it is made is essential."

9 Ver as citações e referências da nota-de-rodapé 8.

10 A não ser por um raciocínio do "lustre emprestado", de Gendler (2002), segundo o qual atribuímos pessoalidade a bebês anencefálicos por causa de sua semelhança com os outros seres humanos, que seriam pessoas em si.

Apesar desses problemas, essa parece ser uma solução aceitável diante dos exemplos e experimentos de pensamento que foram apresentados até aqui. Então, temos um critério de identidade pessoal que Salmon apresentou baseado no essencialismo de Kripke: a presença do cérebro. Tomando a tese do continuador mais próximo (que parece ser derivada da ideia de Kripke de que a origem é uma propriedade essencial) mais a presença do cérebro, temos um conjunto de dois critérios que juntos podem ser bastante fortes para resolver a questão da identidade pessoal. Ao menos diante do problema conforme exposto até agora. No entanto, a seguir mostrarei uma complicação para essa solução, a saber, o problema da ambiguidade da identidade.

2. A AMBIGUIDADE DA IDENTIDADE COMO PROBLEMA PARA KRIPKE

Nesta seção, selecionei dois experimentos de pensamento que parecem criar problemas para a proposta kripkeana de identidade¹¹. O primeiro é o experimento de pensamento de hemisferectomia e transplante cerebral de Wiggins (1967). Hemisferectomia é um procedimento cirúrgico ainda usado (embora muito raramente) em que se retira parte ou todo um hemisfério cerebral (direito ou esquerdo). Após essa cirurgia, o paciente sofre sérias limitações, mas parece ser a mesma pessoa. E dentro dos critérios kripkeanos, de fato, é a mesma pessoa.

Contudo, Wiggins pede que imaginemos que seja possível transplante cerebral. Ou seja, pensemos um mundo possível em que o transplante cerebral é uma realidade. Nesse mundo possível, o paciente João recebe uma hemisferectomia e metade de seu cérebro fica em seu corpo original e a outra metade é transplantada em um corpo José. Nesse caso, quem é João: o corpo de João ou o corpo de José? E por quê? E se ambas as metades do cérebro de João forem transplantadas para corpos diferentes, digamos, de José e Matheus, João ainda existiria? Se sim, em qual dos dois ou nos dois? E por quê? Quando discutir as implicações desse experimento de pensamento, sempre que eu mencionar o transplante de cérebro de Wiggins, estarei me referindo a este segundo caso em que as duas metades do cérebro de João vão para corpos diferentes.

Outro experimento de pensamento famoso é o do teletransporte proposto por Parfit (1984). Segue mais ou menos assim: imagine um mundo possível em que uma máquina de teletransporte foi inventada. A máquina funciona da seguinte forma: a pessoa entra, a máquina faz uma análise de cada átomo do corpo, copia, destrói esses átomos e os reconstrói em outro lugar. João mora com sua esposa na Terra, mas trabalha em Marte. A esposa de João tem medo de que algo dê errado e nunca usa essa máquina. João, por outro lado, a usa sempre. Certo dia, ele foi trabalhar em Marte por meio do teletransporte. Ele entrou na máquina, acionou o botão, a máquina fez a análise de cada átomo, João fecha os olhos, mas, quando abre, ainda está na Terra. Ele preocupado em se atrasar, pressiona o botão para falar com os responsáveis da máquina. Eles prontamente atendem e se desculpam porque algo deu terrivelmente errado. A máquina fez tudo corretamente, porém houve um erro: a máquina não destruiu os átomos como esperado. Neste caso, quem é João, o da Terra? O de Marte? Os dois?

11 Um terceiro experimento de pensamento poderia ser apresentado, que é o de um viajante no tempo em que um indivíduo de 20 anos encontra seu eu de 10 anos ao viajar a passado. Para possíveis saídas para o problema da identidade nesse caso, ver Wasserman, 2018.

Esses dois experimentos de pensamento têm suas diferenças, mas têm algo em comum: ambos apresentam um mundo possível em que, por aparentemente haver dois seres corporalmente distintos que *podem* ser identificados como o mesmo ser. Note a ênfase no “podem”. Vou chamar essa característica de *Ambiguidade de Identidade*, justamente porque dois seres corporalmente distintos disputam pela mesma identidade. Será que os critérios extraídos da proposta de identidade de Kripke conforme apresentados na seção anterior dão conta do problema da ambiguidade de identidade? Ou seja, será que o critério da origem (relacionada ao continuador mais próximo) e do cérebro conseguem resolver esse problema?

Começarei com o caso do teletransporte de Parfit. Se alguém toma o cérebro como propriedade essencial de uma pessoa, então a ambiguidade permanece no teletransporte. Afinal, são dois cérebros idênticos que têm uma relação causal entre si. Salmon (2014) acha, por exemplo, que se deve abandonar a ideia de permanência de identidade em casos assim (mas será afirmado acerca dessa conclusão quando eu discutir o experimento da divisão do cérebro por meio da hemisferectomia), mas não dá argumentos em favor disso. Poderia ser argumentado, também, que como o cérebro de João foi destruído e reconstruído, então já não há continuidade. Contudo, um problema surge para esse critério: como as demais células do corpo, as células nervosas morrem e também podem ser repostas (NOTTEBOHM, 2002; EHNINGER, KEMPERMANN, 2008)¹². Então afirmar que não há continuidade após o cérebro ter sido destruído e reconstruído com base no cérebro inicial também implica em dizer que, caso haja uma reposição das células cerebrais, não há continuidade da pessoa¹³.

Por outro lado, inicialmente a proposta do continuador mais próximo (que se relaciona ao princípio da origem como propriedade essencial) parece resolver bem esse caso. E é justamente o que Nozick (1981) faz. Considere que João_T é o João que ficou na Terra e João_M é o João que foi reconstruído em Marte. Nesse caso, João_T é o continuador mais próximo porque João_M foi reconstruído a partir dele. João_M é uma cópia (mesmo que perfeita) e, como tal, é uma derivação de João_T enquanto João_T é o próprio João_T. Essa parece ser uma explicação satisfatória, mas não para a teoria de Kripke. Isso se dá porque, neste caso, chega-se à conclusão de que afirmações de identidade são contingentes enquanto para Kripke, como exposto anteriormente, as afirmações de identidade são necessárias.

Em que sentido as afirmações de identidade tornam-se contingentes? Ora, se João_T continua vivo, então João_M ≠ João_T e se João_T é destruído pela máquina de teletransporte, então João_M = João_T. Isso seria considerado um absurdo para Kripke porque, sendo João_T e João_M designadores rígidos, ou é verdade que João_M = João_T em todos os mundos possíveis (caracterizando uma necessidade) ou é verdade que João_M ≠ João_T em todos os mundos possíveis. E não é a essa conclusão que a tese do continuador mais próximo chega. Por isso, nem o critério do cérebro nem o critério da origem (continuador mais próximo) conseguem resolver a ambiguidade do caso do teletransporte de modo satisfatório para a teoria de Kripke.

Vamos ao caso da hemisferectomia e subsequente transplante de ambas as partes do cérebro para corpos diferentes (cada hemisfério do cérebro de João é transplantada, um no corpo-José e outro no corpo-Matheus). Nesse caso, mais uma vez o critério do cérebro não é capaz de responder ao problema. Salmon (2014) admite que não sabe responder,

12 Essas duas referências mostram a reposição de células cerebrais mesmo em adultos. Nottebohm (2002) discute a evidência dessa ocorrência em aves enquanto Ehninger e Kempermann (2008) apresentam evidência da ocorrência desse fenômeno em mamíferos, inclusive seres humanos.

13 Alguém poderia argumentar que os dois casos não são relacionados, mas são: nos dois casos há destruição e formação de células e em ambos os casos esse processo apresenta continuidade com o cérebro como estava antes. Essa continuidade na reposição natural se dá por três aspectos: DNA, estrutura cerebral e informação neuronal. O mesmo ocorreria com a máquina de teletransporte.

mas apresenta a hipótese de que as características psicológicas seriam mudadas de modo tão drástico que nem José nem Matheus poderiam ser considerados como a mesma pessoa que João. Essa conclusão não faz muito sentido dentro do argumento de Salmon, já que ele diz que não estabeleceu um critério psicológico, mas de continuidade do cérebro. Em suas palavras:

A solução que prefiro para o problema essencialista da identidade pessoal é não olhar nem para o corpo nem para a psicologia, mas para o órgão da consciência: o cérebro [...] O que o princípio implica é que qualquer mudança que o cérebro sofra, ele deve permanecer o mesmo, numericamente idêntico se seu possuidor funcional for permanecer a mesma pessoa, numericamente idêntica (SALMON, 2014, p. 117).¹⁴

Além disso, apesar de bastante polêmica, a hemisferectomia (retirada total ou parcial de um dos hemisférios cerebrais) ainda é uma técnica utilizada. De fato, os pacientes que passam por esse procedimento seguem uma vida praticamente normal até que algumas complicações da cirurgia começavam a ocorrer (com uma média de 8 anos após a cirurgia, tendo casos que demoraram vinte anos para que as complicações surgissem) (CENTENO *et al*, 2001). Então a mudança drástica que Salmon espera em seres humanos que vivem com apenas metade do cérebro poderia demorar até vinte anos para ocorrer. Além do mais, a maioria das complicações não provêm do fato de que a pessoa está vivendo com apenas um dos hemisférios, mas provêm do fato de que esse hemisfério único não tem suporte dentro da caixa craniana. E, embora não seja unânime, a maior porcentagem de pacientes que desenvolveram as complicações com a cirurgia foi de 35% dos pacientes (CENTENO *et al*, 2001)¹⁵. Então, já que a hemisferectomia não provoca em si mudanças drásticas na pessoa, o problema da identidade pessoal num caso de transplante de cérebro em que cada hemisfério vai para um corpo diferente (supondo que tal transplante seja possível) permanece não resolvido por essa tese essencialista de Salmon.

Já a tese do continuador mais próximo tem uma resposta pronta para esse caso de transplante: nenhum dos dois é a pessoa original. Essa resposta não depende exatamente da tese do continuador mais próximo, mas Nozick (1981) simplesmente assume que dois seres não podem ser o mesmo e como os dois são o continuador mais próximo, a solução é dizer que nem José e nem Matheus dão continuidade à identidade de João¹⁶. De novo, a resposta pode parecer satisfatório, mas não para Kripke. Afinal, mais uma vez a identidade torna-se contingente. Afinal, se metade do cérebro de João for transplantado para o corpo-José e a outra metade for jogada no lixo, então José = João. Mas se a outra metade for transplantada para o corpo-Matheus, então José ≠ João. E assim, mais uma vez, as propostas decorrentes da ideia kripkeana de identidade não conseguem resolver o problema da ambiguidade de identidade.

Portanto, quando se trata do problema da ambiguidade de identidade nos experimentos de pensamento do teletransporte de Parfit e do transplante de hemisférios de cérebro de Wiggins, as propostas essencialistas baseadas em Kripke não conseguem resolver.

14 Original em inglês: "The solution I favor for the essentialist problem of personal identity is to look neither to the body nor to the psychology, but to the organ of consciousness: the brain [...] What the principle entails is that whatever changes a brain undergoes, it must remain the same, numerically identical if its functional owner is to remain the same, numerically identical person."

15 Para ver uma discussão histórica acerca do uso, da polêmica e das alternativas à hemisferectomia, ver Almeida (2005, p. 8-32).

16 Nesse caso, em especial, Nozick também apresenta a mesma resposta para o caso de fissão de uma pessoa apresentada por Parfit (1971).

E como foi discutido na seção anterior que a especulação também não resolveria o problema da identidade, pode-se concluir que a proposta de Kripke¹⁷ acerca da identidade não responde ao problema da identidade, especialmente em casos de ambiguidade de identidade. Alguém, no entanto, poderia argumentar que o problema da ambiguidade não faria sentido dentro da proposta kripkeana de identidade. E é isso que discutirei na terceira e última seção deste artigo.

3 CONTRA-ARGUMENTOS DE UM KRIPKEANO

Nesta seção, vou desenvolver e tentar lidar com três contra-argumentos que kripkeanos poderiam utilizar para questionar a conclusão dada no fim da seção anterior, a saber, que a proposta kripkeana de identidade não consegue resolver o problema da ambiguidade da identidade. A primeira crítica é a de que experimentos de pensamento não são válidos para lidar com um problema tão complexo quanto identidade pessoal. A segunda crítica é a de que esses experimentos de pensamento lidam com coisas impossíveis e, como tal, não terão resposta já que Kripke trabalha com mundos possíveis. E a terceira e última crítica é de que a ambiguidade da identidade está além do interesse de resposta de Kripke e, por isso, não é uma falha de sua proposta não dar conta desse problema.

A primeira crítica, então, seria mais ou menos assim: experimentos de pensamento não são válidos para tratar da questão de identidade. Essa não parece ser a posição de Kripke, já que ele usa muitos experimentos de pensamento tanto em *Naming and necessity* quanto em *Identity and necessity*. Mas Robinson (2004) argumenta que os experimentos de pensamento não ajudam em muita coisa quando lidam com identidade pessoal e que simplesmente corroboram o que ele chama de *Ontologia Aceita*. Basicamente essa ontologia aceita afirma que corpos e mentes humanas têm continuidade e que essa continuidade não é dada por um ser superior ou qualquer entidade fora da pessoa. A partir disso, Robinson argumenta que os experimentos de pensamento não aprofundam essa questão, apenas reiterando essa ontologia. Não me parece que seja assim já que a ontologia aceita apenas assume que há essa continuidade. Os experimentos de pensamento tentam especificar como e através do que essa continuidade se dá. Ou seja, aprofundam sim a questão.

E eles não são triviais, especialmente em relação à identidade pessoal, porque, como Kolak (1993) argumenta, ao responder ao problema da identidade pessoal, cada ser humano utiliza de sua própria intuição. O que esses experimentos de pensamento fazem é testar as intuições para ver se elas permanecem em determinados casos. Então, embora eles não resolvam diretamente a identidade pessoal, eles testam as boas resoluções para esse problema. É importante, por isso, que esses experimentos sejam bem construídos e que seus resultados sejam bem analisados¹⁸.

Com isso, o primeiro contra-argumento perde sua força: primeiro porque os experimentos de pensamentos são importantes na argumentação kripkeana e segundo porque no caso específico da identidade pessoal os experimentos de pensamento têm importância argumentativa, pois aprofundam a questão e testam intuições.

17 Ao menos nas versões de filósofos que se basearam nele e que foram discutidas neste artigo.

18 Por exemplo, Parfit (1971; 1984) com o experimento do teletransporte e da fissão, tenta nos mostrar que o problema não é a identidade pessoal, mas a sobrevivência. Gendler (2002), no entanto, argumenta que esses experimentos mostram a centralidade da identidade e que a sobrevivência é apenas uma derivação da vontade humana de dar continuidade a sua identidade. Então, a menos que alguém desenvolva melhor essa primeira crítica, desconsidero essa como uma crítica legítima.

A segunda crítica é acerca da impossibilidade desses experimentos de pensamento. Em outras palavras: esses experimentos de pensamento nunca serão realidade e, portanto, não é preciso se preocupar com eles. A partir disso, alguém poderia argumentar que o teletransporte é impossível ou que, melhor, a cópia de cada átomo e molécula do corpo de João de modo idêntico ao João agora não produziria uma pessoa viva ou com a mesma mente, mesmos traços de caráter e mesma memória que João. Nesse caso, não vale a pena discutir o que aconteceria caso uma cópia de João fosse feita em Marte na máquina de teletransporte porque caso isso fosse possível, não surgiria ali uma pessoa. Crítica semelhante foi feita por Salmon (2014) ao experimento de pensamento do transplante de hemisférios do cérebro, conforme já discutimos na seção anterior.

Essa parece uma crítica legítima, mas Coleman (2000) pontua dois detalhes importantes sobre os experimentos de pensamento. Primeiro, algumas descobertas científicas surgiram a partir de experimentos de pensamento que continham impossibilidades físicas. Ele relembra o experimento de pensamento que Einstein fez para mostrar uma falha na teoria da eletrodinâmica de Maxwell. Nesse experimento de pensamento, Einstein imaginou que um observador acelerasse e chegasse à velocidade da luz, o que é fisicamente impossível. Mas a partir desse experimento de pensamento impossível ele alcançou seu objetivo. Então, a mera impossibilidade física não implica que o experimento de pensamento não leve a um resultado correto. O que ocorre no caso de Einstein é que a impossibilidade física não é central para a ideia que ele quis desenvolver através do experimento de pensamento¹⁹.

O segundo detalhe pontuado por Coleman é que ao menos o transplante de hemisférios cerebrais não é uma impossibilidade física. Já discutimos na seção anterior sobre como é possível para uma pessoa viver com apenas um hemisfério cerebral e ter uma vida parcialmente normal. Além desse fato, Coleman (2000, p. 60) menciona um obscuro caso em que um transplante de cérebro foi realizado em macacos. Dessa forma, mesmo que fosse descartado como impossível o caso do teletransporte, o caso do transplante continuaria apresentando o problema da ambiguidade de identidade. Problema ao qual a proposta de identidade de Kripke, conforme vimos na seção anterior, não resolve.

Diante da terceira e última crítica eu terei que ceder, ao menos um pouco. Segundo a terceira crítica, a ideia de identidade de Kripke não pretende responder casos como o da ambiguidade de identidade e, por isso, não é uma falha dessa ideia que ela não responda, de fato, a esse problema. Mais especificamente, em *Identity and necessity* (KRIPKE, 1971), Kripke baseia sua teoria de identidade na lei de Leibniz. Segundo essa lei, se x e y são o mesmo objeto então se x tem uma propriedade, y tem a mesma propriedade. O argumento de Kripke a partir disso é simples: x tem a propriedade de ser necessariamente igual a x . Se $x = y$, então y também tem a propriedade de ser necessariamente igual a x . Tem-se, então, a teoria da necessidade da identidade.

A lei de Leibniz, porém, não contempla casos de ambiguidade de identidade. Afinal, tome o caso do transplante dos hemisférios de João: se José e Matheus forem João, então José e Matheus terão, ao mesmo tempo, propriedades que o outro não tem (estarão em lugares diferentes ao mesmo tempo, por exemplo, isso supondo que ambos os corpos sejam exatamente iguais). Por se basear na lei de Leibniz e por essa lei não contemplar a ambiguidade de identidade (ou simplesmente excluir casos assim) é que a proposta de Kripke

19 Contra Coleman (2000), alguém poderia argumentar que, no caso da identidade pessoal, tanto a possibilidade do teletransporte quanto a possibilidade do transplante de cérebro são centrais para o resultado desses experimentos de pensamento.

não consegue lidar também com esse problema. Esse contra-argumento à conclusão que cheguei no fim da seção anterior é bastante aceitável e tenho que ceder concordando.

Porém, concluo esta seção fazendo dois comentários que podem servir de crítica a esse contra-argumento. O primeiro comentário é que a lei de Leibniz poderia simplesmente dizer que a identidade de João não foi continuada (como Nozick defende a partir dessa lei, conforme apresentado na seção anterior) por gerar uma contradição na própria lei. Kripke, por outro lado, não poderia argumentar nesse sentido porque, conforme já exposto, afirmar isso seria negar a necessidade da identidade. Então, enquanto a lei de Leibniz teria uma resposta negativa, Kripke não teria como dar uma resposta²⁰.

O segundo comentário é que Kripke se propõe a tratar do problema da identidade em mundos possíveis e, conforme já discutido, ao menos o caso do transplante é possível. Nesse caso, a proposta de Kripke seria falha por não dar conseguir explicar isso. Porém, um kripkeano poderia facilmente contra-argumentar mais uma vez e dizer que nunca foi propósito de Kripke apresentar uma teoria completa da identidade, com condições necessárias e suficientes. O caso da ambiguidade da identidade seria, então, apenas mais um dos casos que a proposta de Kripke sobre a identidade não resolveria.

De qualquer forma, com o terceiro contra-argumento ou sem o terceiro contra-argumento, minha conclusão de que as propostas kripkeanas de resolução do problema da identidade pessoal não resolvem da ambiguidade de identidade continua em pé, já que esse contra-argumento assume que essa conclusão está certa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi mostrar que propostas kripkeanas não conseguem resolver o problema da ambiguidade de identidade. Embora Kripke não trate da identidade pessoal em si, como ele desenvolveu uma proposta para explicar algumas características da identidade, neste artigo analisei algumas possíveis soluções ao problema da identidade pessoal que derivam das ideias de Kripke. Por isso, ao longo do artigo me referi a elas como respostas kripkeanas ao problema da identidade pessoal, ou expressões semelhantes. Duas respostas podem ser construídas com base em Kripke para esse problema: a especulação e o essencialismo. A proposta da especulação foi apresentada por Salmon (2014), mas ela não responde de fato ao problema, já que ela depende de construções argumentativas em que há petição de princípio. Quanto ao essencialismo, duas versões foram discutidas ao longo do texto: o cérebro como propriedade essencial ou a origem como propriedade essencial (em sua versão de continuador mais próximo). Embora essas versões possam responder bem casos mais comuns de identidade pessoal, elas não conseguem resolver casos de ambiguidade de identidade, presentes em experimentos de pensamento como o de Wiggins (1967). No entanto, essa conclusão talvez não incomode a Kripke, já que ele não pretendeu construir

20 Essa argumentação parece demonstrar que o essencialismo kripkeano em si não consegue resolver o problema da ambiguidade de identidade por ser baseado na Lei de Leibniz e apresentar os problemas descritos neste parágrafo. Nisto, pode-se levantar uma objeção alternativa: talvez alguém proponha uma outra propriedade essencial (que não o cérebro ou a origem/continuador mais próximo) que seja capaz de se desvencilhar do problema da ambiguidade de identidade. De fato, alguém poderia propor isso, porém deve-se primeiro argumentar que é uma propriedade essencial e depois evidenciar que seja capaz de passar ao menos pelo experimento de pensamento do transplante de hemisférios do cérebro para corpos diferentes. Se alguma proposta fizer isso, então a conclusão deste artigo ficaria limitada apenas às respostas dadas por Nozick (1981) e Salmon (2014).

uma teoria da identidade com condições necessárias e suficientes. Por isso, caso alguém pretenda propor outra propriedade essencial em harmonia com a proposta de Kripke que não foi discutida neste artigo, seria importante primeiro argumentar que é, de fato, uma propriedade essencial e depois evidenciar que ela seja capaz de responder ao menos o experimento de pensamento do transplante de hemisférios do cérebro para corpos diferentes. Essa seria uma forma interessante de contribuir com a proposta kripkeana e apresentar um critério convincente para a identidade pessoal.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A. N. de. 2005. *Fatores de morbidade peroperatória relacionados a diferentes técnicas de hemisferectomia: uma análise de 30 pacientes*. (Tese de Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.
- CENTENO, R.; RASSI NETO, A.; FERRAZ, F.; MUSZKAT, M.; RIZZUTTI, S.; AMANTÉA, A. 2001. Hemisferectomias: evolução da técnica e relato de seis crianças operadas. *Revista de Neurociências*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 132-135.
- COLEMAN, S. 2000. Thought experiments and personal identity. *Philosophical Studies*, Dordrecht, v. 98, n. 1, p. 53-69.
- EHNINGER, D.; KEMPERMANN, G. 2008. Neurogenesis in the adult hippocampus. *Cell and Tissue Research*, Dordrecht, v. 331, p. 243-250.
- GENDLER, T. S. 2002. Personal identity and thought-experiments. *The Philosophical Quarterly*, Oxford, v. 52, n. 206, p. 34-54.
- KOLAK, D. 1993. The metaphysics and metapsychology of personal identity: why thought experiments matter in deciding who we are. *American Philosophical Quarterly*, Champaign, v. 30, n. 1, p. 39-50.
- KRIPKE, S. 1971. Identity and necessity. In: MUNITZ, Milton K. *Identity and individuation*. New York: New York University Press.
- KRIPKE, S. 1980. *Naming and necessity*. Cambridge: Harvard University Press.
- LEWIS, D. 1968. Counterpart theory and quantified modal logic. *Journal of Philosophy*, New York, v. 65, n. 1, p. 113-126.
- LOCKE, J. 1975. *An essay concerning human understanding*: edited with introduction by Peter H. Niddich. Oxford: Clarendon Press.
- NOTTEBOHM, F. 2002 Why are some neurons replaced in adult brain? *Journal of Neuroscience*, Washington, v. 22, n. 3, p. 624-628.
- NOZICK, R. 1981. *Philosophical explanations*. Cambridge: Harvard University Press.
- PARFIT, D. 1971. Personal identity. *The Philosophical Review*, Durham, v. 80, n. 1, p. 3-27.
- PARFIT, D. 1984. *Reasons and persons*. Oxford: Oxford University Press.
- REID, T. 2002. *Essays on the intellectual powers of man*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ROBINSON, H. 2004. Thought experiments, ontology, and concept-dependent truth-makers. *The Monist*, Oxford, v. 87, n. 4, p. 537-553.
- SALMON, N. 2014. Personal identity: what's the problem? In: BERG, Jonathan. *Naming, necessity, and more: explorations in the philosophical work of Saul Kripke*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- SCOTUS, D. 1996. Ordinatio: Livro II, Distinção Terceira, Parte Primeira: Questão 1. Cezar, C. R. (trad.). *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 19, n. 1, p. 241 -250.

- STRAWSON, G. 2011. *Locke on personal identity: consciousness and concernment*. Princeton: Princeton University Press.
- STRIKWERDA-BROWN, C.; GRILLI, M.; ANDREWS-HANNA, J.; IRISH, M. 2019. "All is not lost" – rethinking the nature of memory and self in dementia. *Ageing Research Reviews*, Amsterdam, v. 54, p. 1-11.
- WASSERNAN, R. 2018. *Paradoxes of time travel*. Oxford: Oxford University Press.
- WIGGINS, D. 1967. *Identity and spatio-temporal continuity*. Oxford: Basil Blackwell.
- WILLIAMS, B. 1973. *Problems of the self*. Cambridge: Cambridge University Press.

Resumo

O problema da identidade pessoal é o questionamento a respeito da permanência de uma pessoa ao longo do tempo. Várias respostas foram dadas a esse problema, mas a discussão continua. A questão da identidade é central no pensamento de Saul Kripke e, embora ele não tenha tratado especificamente sobre a identidade pessoal, algumas de suas ideias sobre identidade têm sido utilizadas para responder a esse problema. Duas características importantes das propostas de Kripke acerca da identidade podem ser utilizadas para responder à questão da identidade pessoal: a estipulação e o essencialismo. Para Kripke, a identidade trans-mundial (em diferentes mundos possíveis) não é descoberta, é estipulada. A partir disso, pode-se defender que o mesmo critério vale para a identidade pessoal (que seria a identidade trans-temporal). Além disso, Kripke também defende que entidades têm propriedades essenciais e, embora ele não defina exatamente quais são, ele aponta que a origem da entidade normalmente é uma propriedade essencial. Ambas as características levantadas acima parecem responder bem o problema da identidade pessoal. Contudo, alguns experimentos de pensamento levantam um problema de ambiguidade de identidade. Neste artigo será defendido que tais características da teoria kripkeana da identidade não conseguem resolver essa ambiguidade de identidade. Para chegar a essa conclusão, primeiro será apresentado brevemente o problema da identidade pessoal e como a proposta de Kripke pode ser uma resposta a esse problema. Logo após, será desenvolvido o problema da ambiguidade de identidade através de dois experimentos de pensamento. Então, será discutido como a proposta de Kripke não resolve essa ambiguidade. Por fim, será discutido se esses experimentos de pensamento não seriam incoerentes com a própria proposta de Kripke e que, desse modo, ele os teria rejeitado como inválidos. As objeções, porém, não anulam a tese defendida de que as teorias de identidade pessoal que tomam como a proposta de identidade apresentada por Kripke não resolvem o problema da identidade pessoal.

Palavras-chave: Identidade pessoal. Ambiguidade de identidade. Experimentos de pensamento. Saul Kripke. Identidade.

Abstract

The problem of personal identity is the question of the permanence of a person over time. Various answers have been given to this problem, but the discussion continues. The question of identity is central to Saul Kripke's thinking and, although he did not specifically address personal identity, some of his ideas about identity have been used to answer this problem. Two important features of Kripke's proposals about identity have been used to answer the question of personal identity: stipulation and essentialism. For Kripke, trans-world identity (in different possible worlds) is not discovered, it is stipulated. From this, it can be argued that the same criterion is valid for personal identity (which would be the trans-temporal identity). Furthermore, Kripke also argues that entities have essential properties, and although he does not define exactly what they are, he points out that

the origin of the entity is usually an essential property. Both of the characteristics raised above were used to respond to the problem of personal identity. However, some thought experiments raise an identity ambiguity problem. In this paper, it will be argued that such features of the Kripkean theory of identity fail to resolve this ambiguity of identity. To construct such an argument, first, it will be briefly presented the problem of personal identity and how Kripke's proposal can be an answer to this problem. Soon after, the problem of identity ambiguity will be developed through two thought experiments. Then, it will be discussed how Kripke's proposal does not resolve this ambiguity. Finally, it will be discussed whether these thought experiments would not be inconsistent with Kripke's own proposal and that, in this way, he would have rejected them as invalid. The objections, however, do not nullify the thesis defended that the theories of personal identity that take as the identity proposal presented by Kripke do not solve the problem of personal identity.

Keywords: *Personal identity. Identity ambiguity. Thought experiments. Saul Kripke. Identity.*